



Brasil

Após 26 anos de negociações, o acordo de livre comércio entre Mercosul e União Europeia pode avançar nesta semana, com expectativa de assinatura durante a Cúpula do Mercosul, no dia 20, no Brasil, embora ainda dependa da aprovação interna europeia, especialmente das salvaguardas ao agro da UE, que geram preocupação no setor agrícola brasileiro por poderem limitar exportações apesar da proposta de livre comércio.

Açúcar



Os preços do açúcar fecharam em baixa nas bolsas internacionais nesta segunda-feira (15), influenciados por sinais de maior oferta global e pelo enfraquecimento do mercado de energia. As cotações recuaram tanto em Nova Iorque quanto em Londres, refletindo um ambiente de pressão sobre as commodities agrícolas ligadas ao setor energético.

Na Bolsa de Nova Iorque, os contratos mais negociados registraram perdas moderadas, com o março/26 encerrando a 14,95 cents por libra-peso, enquanto os vencimentos maio/26, julho/26 e outubro/26 também fecharam em queda, variando entre 14,58 e 14,90 c/lb. O movimento consolidou a tendência negativa observada ao longo da sessão.

Em Londres, o açúcar branco seguiu a mesma direção, com desvalorizações nos principais vencimentos. O março/26 fechou a US\$ 426,40 por tonelada, enquanto os contratos maio/26, agosto/26 e outubro/26 encerraram o dia entre US\$ 419,30 e US\$ 423,50 por tonelada, reforçando o viés baixista no mercado internacional.

A principal pressão veio do aumento da produção Indiana, que segundo a Associação Indiana de Usinas de Açúcar (ISMA) informou que a produção do país entre 1º de outubro e 15 de dezembro aumentou 28% cresceu 28% no início da safra, ampliando as expectativas de maior oferta global. Ao mesmo tempo, a queda dos preços do petróleo e da gasolina reduziu a atratividade do etanol, incentivando usinas a direcionarem mais cana para a produção de açúcar, movimento intensificado pelas preocupações com a demanda global de energia diante de dados econômicos mais fracos da China.

Internacional



Negociadores dos Estados Unidos disseram à Ucrânia que um acordo de paz com a Rússia exigiria a retirada das forças ucranianas do leste de Donetsk, proposta que enfrenta resistência devido às disputas territoriais, apesar do tom público otimista de Kiev e da discussão de garantias de segurança limitadas oferecidas pelos EUA.

Commodities



Os preços futuros do milho encerraram a segunda-feira (15) com leves quedas na Bolsa de Chicago, pressionados principalmente pelo desempenho negativo da soja e do trigo no início da semana. O mercado segue atento à demanda chinesa por soja dos Estados Unidos, às condições da safra brasileira e, em menor grau, às negociações diplomáticas envolvendo o conflito entre Rússia e Ucrânia. Nesse cenário, os contratos março/26, maio/26 e julho/26 registraram recuos próximos de 0,3%, sendo negociados entre US\$ 4,39 e US\$ 4,53 por bushel.

No comércio externo, os embarques semanais de milho dos Estados Unidos somaram 1,589 milhão de toneladas até 11 de dezembro, volume inferior ao da semana anterior, mas significativamente acima do registrado no mesmo período do ano passado. No acumulado da temporada 2025/26, as exportações atingiram 22,5 milhões de toneladas desde o início de setembro, mantendo um ritmo bem superior ao observado no ciclo anterior.

No mercado interno, os contratos futuros de milho na B3 também fecharam em baixa, refletindo um movimento de ajuste entre a bolsa e o mercado físico. Desde o início de dezembro, as cotações acumulam queda superior a 6%, enquanto o produtor tem priorizado a venda de soja, reduzindo a oferta de milho. Ainda assim, a menor disponibilidade do grão sustenta os preços no médio prazo, diante das incertezas sobre área plantada e produtividade da safra 2026, com o janeiro/26 cotado a R\$ 71,50 e o março/26 a R\$ 74,80 por saca.